

ENREDOS ZONÓTICOS: DOS PERIGOS DE CONTÁGIO À PROTEÇÃO PELA “SEGUNDA PELE”

Zoonotic plots: from the dangers of contamination to protection by the “second skin”

AZEVEDO, Jessyca C.de Lima; Grad.; UFAPE; jessycacarolina7@gmail.com¹
SIMÕES-MATTOS, Lucilene; Dra.; UFAPE; lucilene.simoes@ufape.edu.br²
MARTINS, Marcelo Machado; Dr.; UFPE; machadomartins@yahoo.com.br³

Resumo: Apresentamos uma linha temporal acerca de doenças epidêmicas ao longo da história da humanidade, com foco nas desencadeadas por zoonoses (AZEVEDO, 2022). Na sequência, ao tratar do conhecimento proveniente da História e da produção cinematográfica como promotores da saúde, articulam-se análises de *frames* do filme norte-americano *Contágio*, dirigido por S. Soderbergh (2011) com imagens midiáticas difundidas durante a pandemia da Covid-19 – com destaque para o uso e a produção de roupas e acessórios de proteção contra “vírus” – lidas a partir dos estudos de figurinos (BEZERRA; MIRANDA, 2014).

Palavras-chave: Epidemia/Pandemia; *Contágio*; segunda pele.

Abstract: Abstract: We present a timeline of epidemic diseases throughout human history, focusing on those triggered by zoonoses (AZEVEDO, 2022). Subsequently, when dealing with knowledge from History and cinematographic production as health promoters, analyzes of frames from the American film *Contagion*, directed by S. Soderbergh (2011) are articulated with media images disseminated during the Covid-19 pandemic – with emphasis on the use and production of protective clothing and accessories against “viruses” – read from the studies of costumes (BEZERRA; MIRANDA, 2014).

Keywords: Epidemic/Pandemic; *Contagion*; second skin.

Introdução

Em agradecimento pelas leituras e proposições, dedicamos ao prof. Dr. Marcos Renato Franzosi Mattos e à Profa. Dra. Márcia Felix da Silva Cortez – ambos da UFAPE.

¹ Médica Veterinária, graduada pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE: Garanhuns – PE).

² Médica Veterinária, professora do curso de Medicina Veterinária e de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE: Garanhuns – PE).

³ Semioticista, professor do Núcleo de Design e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco do Centro do Agreste (UFPE: Caruaru – PE).



Após dois anos de intenso isolamento social (físico) desencadeado pela pandemia da Covid-19, é possível reconhecer que várias obras cinematográficas “catastróficas” ganharam destaque nas mídias durante esse período, porque, de algum modo, elas narrativizam e discursivizam o que a população mundial vivenciou fora das telas do cinema. Assim, novos, mas principalmente antigos filmes e séries com todas as combinações possíveis dos gêneros referentes a produções que tratavam da temática “do fim do mundo”, voltaram às telas, inclusive na tentativa de o espectador entender seu momento vivido por meio da ficção. Ou, de acordo com Markendorf e Felipe, o espectador desse tipo de *disaster movie* sente uma satisfação íntima, pessoal, que o move a assistir aos “grandes centros urbanos serem engolidos por catástrofes naturais, eventos científicos ou tecnológicos (...) [pois] a ficção permite [a ele] participar da fantasia de sobrevivência à própria morte [por isso] é válido atribuir às narrativas a possibilidade de experiência vicária do desastre, sobretudo quando vivenciada em um ambiente controlado de ficção” (2018, p. 311).

Dentre os filmes “revisitados” durante o período a que nos referimos (2020-2022), encontra-se *Contágio* (2011), produção norte-americana dirigida por S. Soderbergh, cuja história se inicia com o retorno de uma personagem para sua casa, nos Estados Unidos, depois de uma viagem de negócios. Ao mesmo em que são mostradas a contaminação dela, seus sintomas, sua degradação corporal e a sua morte tensa na cama de um hospital; outras histórias paralelas, do mesmo tipo, acontecem concomitantemente em várias outras partes do mundo. Logo, tem-se o alastramento veloz de um vírus bastante contagioso e fatal. A partir disso, entram em cena os cientistas que vão mapear a origem do vírus com vistas à descoberta da eliminação do seu agente causador, ao mesmo tempo em que é retratado o pânico instaurado na população ao redor do mundo⁴.

Neste artigo, *Contágio*, que narra a história de um vírus de origem zoonótica, é tomado como pressuposto de que as obras cinematográficas, com sua construção linguageira tão peculiar,

⁴ Vários trabalhos de cunho científico, acadêmico ou puramente informativo retomaram o filme *Contágio* para demonstrar ou discutir diversas relações de *semelhanças e diferenças* entre ele e a situação vivenciada pela humanidade no decorrer da pandemia da Covid-19. Dentre esses trabalhos, citam-se, por exemplo: “A relação entre o filme ‘contágio’ e o covid-19” (SOUZA, Ana Claudia A. de; 2020); “Coronavírus: ‘Contágio’, o filme de quase uma década atrás que a crise transformou em hit” (BBC NEWS MUNDO; 2020); “Contágio: as semelhanças e diferenças entre a fictícia pandemia da meV-1 e a covid-19” (FROTA, Marcelo Fabrício da; 2020); “‘Pare de tocar seu rosto!’: as mudanças na percepção dos espectadores do filme *Contágio* com a pandemia de Covid-19 (MASSARANI, Luisa et al, 2021); “O que o filme *Contágio* acertou (e errou) sobre a pandemia de coronavírus? (REVISTA ROLLINGSTONE; 2020); “Como o filme ‘Contágio’ previu o horror de uma epidemia global” (VILELA, Luiz Gustavo; 2020); “Pandemia do coronavírus é roteiro de ficção científica encenado na vida real” (MAIA, Caroline M. et al; 2020); “A arte imita a vida ou a vida imita a arte? Aproximações entre o filme contágio e a pandemia covid-19 (NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos O. do; 2021), dentre tantos outros. No nosso caso, o filme foi retomado para integrar parte do Trabalho de Conclusão de Curso produzido pela primeira autora deste artigo, e intitulado “O enredo zoonótico: a ficção cinematográfica como instrumento de promoção da saúde pública”, defendido em maio/2022, junto ao curso de Medicina Veterinária da UFAPE, e orientado pelos demais autores/as aqui assinalados.

propõem que as informações transmitidas por elas sejam bastante assimiláveis, mesmo que pautadas no discurso especializado da área ou do campo da Saúde. Assim, no conforto do lar ou das grandes salas de cinema (ou mesmo em qualquer outro lugar, com o celular em puno), o espectador pode apreender os conteúdos dos filmes de maneira direta, refletindo sobre eles e, quem sabe modificando suas práticas, considerando que os conteúdos de tais filmes sensibilizem e despertem uma conscientização sobre os cuidados com a saúde – dos mais individuais aos mais coletivos. Por fim, a partir da análise de *Contágio*, um desdobramento futuro deste trabalho centrar-se-á no entendimento de questões relacionadas à promoção da saúde (pela educação formal ou não-formal) e para a construção identitária das imagens sociais da ciência, dos cientistas e das tecnologias divulgadas nos filmes, produtos da indústria cultural fortemente direcionado para a comunicação de massa – daí, inclusive, o seu grande alcance e importância na comunicação de ideias (MARTINS, 2015).

Para dar conta dessas discussões, o presente artigo apresenta uma panorâmica de doenças epidêmicas a partir de alguns períodos históricos, destacando, por um lado, as de origem zoonótica e, por outro lado, práticas ou hábitos comuns em sua propagação e recorrência – até os dias de hoje (AZEVEDO, 2022). Na sequência, a partir de alguns aspectos da linguagem cinematográfica (JULLIER; MARIE, 2009), apresentam-se análises de *frames* de *Contágio* (2011), com destaque para os estudos do figurino (BEZERRA; MIRANDA, 2014), que, retomados, serão apresentados em diálogo com imagens midiáticas que circularam nos meios comunicacionais durante a pandemia da Covid-19.

1. Passado e presente: enredo zoonótico de “A vida como ela é”

É amplamente conhecido que 70% das doenças humanas são desencadeadas por eventos que envolvem “zoonoses”, termo hiperônimo que agrega o resultado de diferentes tipos de transmissão de doenças entre animais humanos e não-humanos, conforme Simões-Mattos (2005).

Com o aumento populacional, a criação das cidades, o êxodo rural, dentre outros fatores, evidente e naturalmente desencadeados pela organização das sociedades modernas que adotaram o capitalismo como sistema econômico, cujas práticas estimulam a geração e manutenção de renda sobretudo pelos detentores da produção privada que visam à promoção do consumo cada vez mais



exacerbado de seus bens e serviços e, com isso, aumentam o lucro e a acumulação de fortunas do primeiro agente; operaram-se práticas de *cultura* que se opuseram às práticas *naturais*, como, por exemplo, a aproximação do ser humano com diversos tipos de animais, que passaram a ser subjugados, numa relação de dominação vs. liberdade (BARROS, 1990)⁵.

Se se faz um retrospecto das condições de civilidade que englobam as práticas de higiene das gerações anteriores às nossas, reconhece-se, de acordo com a literatura especializada, fatos que propiciaram não apenas o aparecimento de doenças zoonóticas, como a manutenção delas a partir do fortalecimento do vírus agente causador. Apesar de a História mostrar como eles foram letais à humanidade, parece haver um ciclo de recorrência de situações típicas que colaboram para o surgimento de surtos, epidemias, endemias e pandemias⁶.

Da Antiguidade Clássica à Idade Média e ao Renascimento, da Era das Revoluções à dos avanços tecnológicos mais atuais, muitos hábitos humanos se replicam ao longo da história ou são criados de modo a não se ter uma atenção devida à promoção da saúde dos indivíduos. Os hábitos de higiene, muitos hoje considerados “primitivos”, como aqueles que obrigavam as elites a refugiarem-se nos campos para se afastar do ar miasmático das cidades devido ao costume de serem jogadas pelas janelas das casas tanto urina como fezes e lixos (MARTINS; PRESTES, 2021), inclusive água não tratada, que se tornou um considerável veiculador de patógenos; foram e são exemplos de fontes potenciais de cultivo/propagação de agentes patogênicos. Do mesmo modo, durante a formação das urbes, tanto na Europa como nas Américas, os animais de tração defecavam nas ruas, e suas fezes se acumulavam nos passeios públicos durante dias, exalando metano; quando tais animais morriam nas ruas, seus corpos eram abandonados e, à deriva, decompunham-se a céu aberto, até serem fáceis para a prática do esquartejamento, facilitadora de seu transporte (VAN DEURSEN, 2019, s/p.).

Situações como essas foram e são potenciais fontes de produção e disseminação de doenças zoonóticas, sobretudo em épocas em que as enfermidades nem tinham ainda nomes científicos e

⁵A “apropriação” sobre o animal se dá por motivos diversos, e vários são propensos a fatores zoonóticos: o abate, produção de alimentos e de peças derivadas, reprodução e criação em cativeiros, cuidado como “prenda” doméstica, como peças de caçadas e troféus, como objeto de mostração e exposição, dentre tantas outras possibilidades de práticas culturais que promovem a perigosa e nefasta objetificação desses seres não-humanos.

⁶Esses termos diferenciam o tipo de contaminação e transmissão de doenças, inicialmente do ponto de vista espacial. O *surto* corresponde a um aumento localizado no número de casos de uma doença; por sua vez, ele pode gerar uma *epidemia*, porque o número de casos é ampliado para diversas regiões de uma espacialidade. A *epidemia*, então, ou pode tornar-se *endemia*, quando a doença é recorrente numa região, mas a população local convive com ela, ou pode tornar-se uma *pandemia*, que é quando a epidemia ultrapassa regiões do entorno em que se encontra a doença e ganha contornos globais, porque o agente causador, o vírus, espalhou-se ao redor do planeta.

para as quais nem mesmo existia vacina ou outro tipo de tratamento preventivo ou de cura; tanto as doenças como a sua evidente e inevitável proliferação entre os povos locais ou globais (conforme se entendia o conceito à época) eram consideradas “pestes” ou “pragas”, então atribuídas ao castigo divino lançado pelos deuses ou pelo Deus Cristão, capaz de punir, desse modo, a humanidade, sua própria criação – considerando, aqui, apenas o espectro de localidades em que se seguiam essa denominação religiosa, tanto na Europa como nas Américas cristãs.

As doenças que bombardearam a humanidade, com destaque para as de caráter zoonótico, como dissemos, desencadearam eventos nefastos, assolando drasticamente as nações e povos longevos, dizimando suas populações e afetando o curso da História, que, como defendemos, se estrutura em movimentos cíclicos de retomada do passado devido à repetição de hábitos não salutares, de não-aprendizagens relacionadas aos comportamentos humanos e sociais, da falta de cuidados com a saúde e, por fim, devido à falta de ações concretas de incentivo à promoção da saúde. Sobre essa ciclicidade, apresentamos o quadro abaixo (01) em que se apreende, *grosso modo*, a ocorrência de várias doenças ao longo dos séculos, bem como a época de seu surgimento, a fonte de contaminação e a estimativa de mortes que elas causaram:

DOENÇA	SURGIMENTO HISTÓRICO	VIA/FONTE DE INFECÇÃO	ESTIMATIVA DE MORTES
PESTE DE ATENAS	428 A.C.	NÃO DEFINIDA	⅓ DA POPULAÇÃO GREGA
VARIOLA	SÉC. IV A.C.	CONTATO DIRETO	MILHÕES
CÓLERA	SÉC. IV A.C.	ÁGUA CONTAMINADA	MILHARES
PESTE OU PRAGA ANTONINA	165 A 180 D.C	NÃO DEFINIDA	3 A 5 MILHÕES
PESTE JUSTINIANA	542 D.C.	RATOS	- 40% POP. AFROEUROASIÁTICA
PESTE NEGRA	1348	RATOS	40-50% POP. EUROPA
GRIPE ESPANHOLA	1918	NÃO DEFINIDA	40-50 MILHÕES

DOENÇA	SURGIMENTO HISTÓRICO	VIA/FONTE DE INFECÇÃO	ESTIMATIVA DE MORTES
AIDS	1920	CHIMPANZÉ	APROX. 38 MILHÕES
TUBERCULOSE	+ DE 150 MILHÕES DE ANOS	AEROSSÓIS	MILHÕES
EBOLA	1976	MORCEGO	MILHARES
GRIPE SUÍNA	2009	SUÍNOS	+ DE 12.000
SARS	2002	MERCADO DE ANIMAIS	916
MERS	2012	CAMELO DROMEDÁRIO	866
COVID-19	2019	MORCEGO	6,29 MI (26/05)

Quadro 01:
Amostra de dados sobre doenças virais, com destaque para as de origem zoonótica.

Fonte:
Aze-vedo (2022, p. 26)

Na sequência, como o previsto, discutem-se questões relativas à produção de sentidos do filme *Contágio*, tanto a partir dos trabalhos de Jullier e Marie, para a linguagem cinematográfica (2009); e de Bezerra e Miranda, para a análise do figurino (2014).

2. *Contágio*: o esboço de análise cinematográfica⁷

Uma das possibilidades de análise cinematográfica refere-se à discretização de partes proposta por Jullier e Marie (2009): o *nível do plano*, o *nível da sequência* e o *nível do filme*. Com relação aos aspectos do primeiro nível, destaca-se que em *Contágio* há o predomínio da utilização do plano *médio*, o qual contribui para narrar a história e as interações entre os personagens com um certo distanciamento entre espectador e o que é mostrado na tela. Assim, o filme se apresenta com um ponto de vista em 3^a. pessoa, o que gera um efeito de “objetividade” nos modos de contar e de “verdade” de “coisa acontecida” referente à história. O plano *aberto*, por sua vez, quando aparece nas cenas, mostra panorâmicas dos cenários, costumes e ambientes que os personagens frequentam: por exemplo, na passagem da ação de uma cidade para outra, existe um movimento de câmera que começa com esse tipo de plano, justamente para indicar ao espectador a localização espacial por meio de determinados índices culturais (por exemplo: ônibus e pontes inglesas, mercados chineses, arranha-céus estadunidenses etc.), que caminha para um plano médio E, por fim, o plano *fechado*, que é um plano da intimidade, foca nos detalhes, principalmente no rosto dos personagens; em *closes* ou com detalhes de expressões, esse plano enfatiza os sentimentos vivenciados pelos personagens – na passagem de um plano para outro, modifica-se também o modo de contar: nesse tipo de plano, devido aos efeitos de subjetividade, conta-se em 1^a. pessoa, porque a relação se baseia no olho no olho entre personagem e espectador.

No nível da *sequência*, que trata da pormenorização da visibilidade da ação, tem-se, em *Contágio*, um recurso bastante comum nas produções cinematográficas, que, inclusive, transportam o espectador para tempos e espaços diversos, continuamente. Trata do enquadramento de um personagem localizado num contexto espaço-temporal (uma sequência) e, dele, corta-se para outro contexto espaço-temporal, com ou sem personagem e cuja localização se apreende por índices visuais, como dissemos, ou por uma fala em *off* ou pela legenda verbal sobre a imagem em movimento, produzindo uma não-sequência. Porém, essa intercalação de sequência e não-sequência, que inclusive produz o efeito de sentido de suspense, apresenta-se de modo coeso.

⁷ Por uma questão de espaço para a escrita do artigo, não serão explicitados os conceitos teóricos utilizados para as análises, mas eles podem ser apreendidos no decorrer do texto, porque apresentados já em correlação com o objeto analisado.

Em *Contágio*, esse jogo proposto reitera continuamente a ação contagiosa e letal do vírus em diversas partes do mundo: a diferença espacial é importante porque ela se torna uma unidade da perspectiva do tempo.

Por fim, no *nível do filme*, parte-se do ponto central da história que é o desequilíbrio narrativo vivenciado pela população, que passa a ser contaminada pelo vírus de origem zoonótica em várias partes do mundo, que se “mostra invisivelmente” como um antagonista mortífero. Na análise deste nível apreende-se a sua organização figurativa e temática e os modos como se estruturam os fatos/ordem/ritmo que vão sensibilizar o espectador com relação ao produto/filme/história.

Contágio trata de temas diversos: a história de epidemias; o misticismo da humanidade e o desconhecimento a respeito da existência dos microrganismos ou patógenos; a importância dos cuidados com a higiene; as práticas questionáveis ligadas à exposição humana aos animais vivos e mortos; o descrédito da ciência e as *fake news*; os efeitos negativos da ação antrópica do ser humano e suas consequências para o meio ambiente; a impotência momentânea da ciência frente a causadores virais de fatalidades; a importância da educação cidadã para os cuidados com a saúde individual, coletiva, com a própria natureza e com o próprio planeta Terra – por último, mas não menos importante, trata dos modos como o ser humano está imerso no mundo tecnológico da comunicação e das mídias de massa; a tal ideia subjaz o conceito de “comunicação viral em níveis globais”. No filme, os diferentes personagens individuais apresentados que se contagiam, que ficam doentes ou que morrem metonimizam uma população inteira (local ou global), de modo que o que acontece com cada um pode acontecer com todos: daí surgem os efeitos disfóricos que orientam os fazeres dos cientistas com relação à descoberta da causa do vírus, da sua cura e da sua extinção.

A partir dessa situação inicial de desequilíbrio, o protagonista é munido de um propósito que trará novamente o equilíbrio em sua vida; nos filmes catástrofes, isso é tematizado como a salvação do mundo – neste aspecto é importante observar que as produções estadunidenses tratam de construir como heróis de narrativas filmicas a própria nação, que luta contra todos os males possíveis do mundo e, assim, consegue reestabelecer o equilíbrio de uma ordem mundial envolta pela paz e segurança, sob a proteção dos Estados Unidos da América. Apreende-se, no nível do filme, como se construiu a visão dos autores (diretores de segmentos diversos: da iluminação ao



figurino, da arte ao som etc.) que são sincretizados na figura do diretor geral, ou seja, um autor único.

Com relação à caracterização dos personagens pelos figurinos, que são elementos não-verbais das narrativas, apreendem-se, por meio deles, “períodos que são retratados, costumes e valores de determinados povos e épocas, o *status* social dos personagens, nível cultural, as profissões, religiões, ideais, grupos sociais (...)” (FERON, 2020, p. 110), enfim, aspectos de sua identidade como sujeito no mundo. Junto ao corpo, o figurino no cinema, como o vestuário fora dele, exerce o papel de segunda pele, aportando ao nível extradérmico sinais interpretáveis de sentidos do sujeito que o porta (CASTILHO; MARTINS, 2015). A partir dos trabalhos de Bezerra e Miranda, (2014), verifica-se, em *Contágio*, uma forte oposição de elementos com relação ao figurino e, conseqüentemente, aos personagens que os utilizam e que são, por eles, localizados espacial e temporalmente. Na sequência, verifica-se que em ambas as figuras, 1 e 2, as roupas que constituem o figurino conota proteção contra algum risco. Enquanto na fig. 1 tem-se a cena do laboratório “de nível de segurança avançado” em que se dá a manipulação do agente infectante pelos cientistas; na fig. 2, tem-se o repórter, imerso num cenário caótico, utilizando uma roupa protetiva confeccionada por ele mesmo.

Fig. 1: Cientistas no Laboratório



Fig. 2. Repórter nas ruas



Frames de cenas retiradas do filme *Contágio*, respectivamente nos tempos 20m38s e 01h01min02s

As ideias de proteção da roupa dos cientistas e das roupas da população em geral foi recorrente nas mídias que divulgaram os casos da

fig. 3: abertura de valas e enterramento de corpos, em *Contágio*



fig. 4: cemitério da Vila Formosa, em São Paulo (Covid-19)



fig. 5: improvisação com PET em *Contágio*



fig. 6: improvisação também com PET - China (Covid-19)



Covid-19 ao redor do mundo – e, aqui, há de se destacar a figura das máscaras protetivas, que, de equipamento de proteção individual, tornaram-se acessórios de moda – situação já descrita por Martins (2015) em função da SARS (síndrome respiratória aguda grave) de 2002/2003. Do mesmo modo, vários trabalhos (vide nota 4) estabeleceram comparações entre as cenas de *Contágio* e o que era estampado por gêneros diversos, em diferentes meios de comunicação (figs. 3 a 8).

Considerações finais

Como duas das autoras deste artigo são da área da saúde, mais especificamente da área da saúde animal, inseridas na prática do campo da saúde coletiva e da Saúde Única (*One Health*), esta “experiência” interdisciplinar ampliou uma certa visão sobre a doença e a saúde em obras cinematográficas, que, analisadas das perspectivas aqui tratadas, propondo, inclusive, uma modificação na ação de “assistir a filmes”, considerando as variáveis que integram, no conjunto, a imagem em movimento do audiovisual. Além disso, ele despertou o interesse com relação aos materiais utilizados – na ficção e na não-ficção – para a produção de roupas para “cientistas”, que devem passar pelo crivo de diversos aspectos de confortabilidade: sensorial, psico-estético, ergonômico etc. Do ponto de vista do conteúdo relacionado às epidemias, destacou-se, no desenvolvimento do trabalho, o fato de que a humanidade ainda persiste em práticas e hábitos que não atendem a uma visão integrada dos indivíduos no meio ambiente, quer seja mais natural, quer seja mais cultural – e isso promove, conforme o caso aqui estudado, uma constante revisitação ao passado que aporta ao presente mecanismos de criação de novos vírus ou mesmo de fortalecimento de vírus antigos – em ambos os casos, passíveis de se tornarem pandêmicos, se não houver ações imediatas de controle por parte da ciência.

Referências

- AZEVEDO, Jessyca Carolina de Lima. **O enredo zoonótico: a ficção cinematográfica como instrumento de promoção da saúde pública**. Orientadores: Lucilene Simões-Mattos e Marcelo Machado Martins. TCC (Medicina Veterinária). Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, 2022. 104 p.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.
- BEZERRA, Amílcar; MIRANDA, Ana Paula C. de. Despindo Anna Karenina. **PragMATIZES: Revista Latino Americana de Estudos em Cultura**, a. 4, n. 6, p. 212-227, mar. 2014.

- BEZERRA, Amílcar; MIRANDA, Ana Paula C. de; SILVA, Diane; PEPECE, Olga Maria. Figurino como narrativa não verbal: uma análise de Daenerys Targaryen da série Game of Thrones. **Diálogo com a econômica criativa**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 71-105, maio/ago. 2017
- CASTILHO, Kathia.; MARTINS, Marcelo. M. **Discursos da Moda: semiótica, design e corpo**. 2. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.
- FERON, T. R. **Cinema, educação e letramento audiovisual: proposição de práticas pedagógicas para professores-telespectadores**. Orientadora: Luana Teixeira Porto. Dissertação (Educação) - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2020
- JULLIER, Laurent. MARIE, Michel. **Lendo as imagens do cinema**. Tradução de Magda Lopes São Paulo: Editora Semac. 2009.
- MARKENDORF, Marcio; FELIPPE, Renata. Ficções da peste: esboço para um estudo do imaginário ficcional das doenças. **Scripta Uniandrade**, v. 16, n. 1 – Revista da Pós-Graduação em Letras – UNIANDRADÉ Curitiba, Paraná, Brasil, 2018.
- MARTINS, L. A. C. P.; PRESTES, M. E. de B. Dos miasmas ao vírus: o conhecimento sobre as epidemias ao longo da história. In: CERQUEIRA, F. V.; AXT, G.; FERREIRA, R. B. (Orgs.). **Viver e morrer na Peste: epidemia na História**. Rio Grande do Sul: UFPel, 2021.
- MARTINS, Marcelo, M. Orientações pra leituras: sinais e funções da linguagem. In: SILVA, Arminde de F. A.; MARTINS, M. M. **Identidades na diversidade: reflexões sobre teorias e práticas na formação de professores**. Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2015.
- SIMÕES-MATTOS, Lucilene. **O gato doméstico (Felis catus) como potencial hospedeiro reservatório de Leishmania (Viannia) braziliensis**. Orientador: Profa. Dra. Claudia Maria Leal Bevilacqua. Tese (Ciências Veterinárias). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- VAN DEURSEN, Felipe. “Antes do carro, o caos das grandes cidades era o cavalo”. **Revista Superinteressante** <<https://super.abril.com.br/coluna/contaoutra/antes-do-carro-o-caos-das-grandes-cidades-era-o-cavalo/>>. Acesso em 09/06/2022.
- 